

RESGATAR, REGISTRAR, REVIVER – UM PASSEIO PELA MEMÓRIA COM A PROFESSORA MIRZA SEABRA TOSCHI SOBRE OS PRIMEIROS DEZ ANOS DO PPG-IELT

REDEEMING, REGISTERING AND RELIVING – A STROLL DOWN MEMORY
LANE WITH PROFESSOR MIRZA SEABRA TOSCHI ABOUT THE FIRST TEN YEARS
OF PPG-IELT

Barbra SABOTA
(UEG – Universidade Estadual de Goiás)

Mirza Seabra TOSCHI
(UEG – Universidade Estadual de Goiás)
(UFG – Universidade Federal de Goiás)

Wilker RAMOS-SOARES
(SESI)

Resumo: Defender a busca por uma educação de qualidade implica compreender que, em um país tão vasto e profundamente desigual como o Brasil, é necessário um grande esforço, resistência e um constante esperar para continuar a atuação nas diversas áreas da educação. Um marco significativo para o sistema educacional público brasileiro é celebrar o décimo aniversário de um programa de pós-graduação em uma universidade pública. Portanto, resgatar e documentar as memórias dessa longa jornada é também uma maneira de lembrar e divulgar um trabalho crucial em andamento. É isso que esta conversa aborda: a trajetória de uma década de um programa de pós-graduação, narrada por alguém que esteve profundamente envolvido em grande parte dessa jornada. Em 2022, o Programa de Pós-Graduação em Educação Linguagens e Tecnologias (PPG-IELT) realizou um evento para celebrar seus dez anos de existência. À ocasião, a Professora Mirza Seabra Toschi, primeira coordenadora do programa, participou de uma conversa com a então coordenadora do Laboratório de Mídias Interativas (LIM/PPG-IELT). A interação, gravada em áudio e vídeo, se deu sobre os desafios enfrentados e a relevância da criação do primeiro Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar do Centro-Oeste brasileiro, que foi também o primeiro Programa de Pós-Graduação em Educação e Linguagem da Universidade Estadual de Goiás. Ao explorar memórias e reflexões críticas, os caminhos percorridos são reconstruídos à luz da experiência possibilitando o projeto de continuidade de atuação crítica na educação brasileira por meio do *Stricto Sensu* e seu papel fundamental na (re)construção de uma universidade transformadora.

Palavras-chave: Educação e Linguagem. Formação continuada. Pesquisa em pós-graduação.

Abstract: The search for quality education implies understanding that, in a country as vast and profoundly unequal as Brazil, great effort, resistance and constant hope are needed to continue acting in the various areas of education. A significant milestone for the Brazilian public education system is celebrating the tenth anniversary of a graduate program at a public university. Therefore, registering such memories of this long journey is also a way to remember and publicize a crucial work in progress. This interview presents the decade-long trajectory of a graduate program, narrated by someone who was deeply involved in much of that journey. In 2022, the Graduate Program in Education Languages and Technologies (PPG-IELT) held an event to celebrate its tenth anniversary. Professor Mirza Seabra Toschi was invited for a conversation with the coordinator of the Interactive Media Laboratory (LIM/PPG-IELT) celebrating the occasion. In this conversation, the challenges are brought back to

DOSSIÊ “INTERFACES DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS”

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202311

memory and thought over through the passing of time. We discuss the importance of creating the first Interdisciplinary Graduate Program in the Brazilian Midwest and the first Graduate Program in Education and Language at the State University of Goiás. By exploring memories and critical reflections, the authors revisit the ongoing project of critical action in Brazilian education through *Stricto Sensu* and its fundamental role in the (re)construction of an ever-changing university.

Key words: Language and education. Ongoing education. Graduate research

Em 2022, o Programa de Pós-Graduação em Educação Linguagem e Tecnologias, o PPG-IELT, comemorou dez anos de existência. A celebração da data foi marcada por um evento organizado na intenção de reunir mestrandos/as, egressos/as e compartilhar com a comunidade acadêmica um balanço da primeira década de pesquisas de nosso programa. À ocasião do evento, a equipe do Laboratório de Mídias Interativas (LIM) se dedicou à construção de um documentário que registrasse a história do programa. Este documentário, disponível no Canal LIM – Laboratório de Mídias Interativas na plataforma de vídeos YouTube (https://www.youtube.com/channel/UCW2cAErga_-APuvv2X1QUKg), foi composto por narrativas de membros atuais do PPG-IELT (docentes e discentes), de egressos/as. Professora doutora Barbra Sabota, então coordenadora do LIM, conversou com a professora doutora Mirza Seabra Toschi - uma das fundadoras do programa – sobre questões previamente elaboradas e discutida pelos co-autores deste texto. A conversa foi gravada em áudio e vídeo e posteriormente transcrita por Wilker Ramos-Soares. Juntos, os três participaram da edição e revisão da versão da conversa a que o público interessado agora tem acesso.

Mirza Toschi participou da fundação do PPG-IELT integrando a equipe que elaborou e submeteu o Aplicativo para Propostas de Cursos Novos (APCN)¹, foi a primeira coordenadora do PPG-IELT e deixou um importante legado de sua gestão para o programa. Ela participou intensamente de editais de captação de recursos para a criação de laboratórios e para o desenvolvimento de pesquisas que muito contribuíram para a educação em Goiás, além disso atuou por vários anos no Conselho Estadual de Educação. Mirza orientou e coorientou cerca de cinquenta dissertações de mestrado, treze delas no PPG-IELT, sete teses de doutorado, além de várias monografias, artigos e pesquisas de iniciação científica comprovando sua indelével marca na pesquisa em nosso estado.

¹ Documento enviado à Capes para solicitar a abertura de novos cursos e programas de mestrado e doutorado no Brasil.

A conversa que ora apresentamos fala desta vasta experiência como coordenadora, pesquisadora, orientadora e professora. Mais do que isso, fala sobre a amorosidade e a luta pela educação em tempos árduos e situações adversas. Aprendemos com Mirza que sempre é tempo de acreditar e defender a educação pública gratuita e de qualidade.

Barbra: Muito obrigada por disponibilizar parte de seu concorrido tempo para conversar sobre o PPG-IELT. Gostaria de começar pelo momento de fundação de nosso programa de mestrado, um dos pioneiros da Universidade Estadual de Goiás (doravante UEG). Como foi que surgiu a ideia de ter um mestrado em educação e linguagens na UEG?

Mirza: Eu já havia trabalhado na UEG antes mesmo que ela existisse, quando ainda era a FACEA², depois UNIANA³. Trabalhei na Universidade Federal de Goiás (UFG) por quinze anos, me aposentei e retornei para a UEG, já como universidade, via concurso público. Quando eu voltei da federal para a UEG eu gostaria de criar um mestrado em educação porque na UEG a maioria dos cursos é de licenciatura e não tinha um programa na área de educação. Então, eu fui lá na Pró-reitoria de Pesquisa e vi que na universidade inteira a gente tinha cinco doutoras/es em educação. No entanto, para fazer um mestrado em educação a gente precisava de, no mínimo, doze doutoras/es, ou seja, era impossível. Então eu pensei que a saída seria a gente se juntar a outros/as doutoras/es. Daí, nós juntamos as/os doutoras/or da educação e da linguagem de nosso campus. Ainda assim não completávamos o número necessário. Então, pelas condições objetivas, sabíamos que teríamos de juntar forças com outros *campi* da UEG. A Universidade precisava de mais mestrados e doutorados, então organizou um evento com todas/os as/os doutoras/es, pró-reitores, reitor e convidou um coordenador da área interdisciplinar da CAPES para ir lá falar com a gente. Ele deu muitas dicas e nesse encontro começou a ficar mais evidente o que a gente podia fazer. Foi naquele evento que compreendemos a importância de incluirmos as tecnologias. Eu sou da área de educação, mas

²A Faculdade de Ciências Econômicas de Anápolis (FACEA) teve sua implantação oficial no dia 06 de maio de 1962 e funcionava inicialmente apenas com o curso de Ciências Econômicas. A partir de 1984 foram autorizados os cursos de Administração e Ciências Contábeis e em 1986 foram criados os cursos de Tecnologia em Processamentos de Dados e as Licenciaturas Curtas em Geografia, História e Letras. Disponível em: https://www.ueg.br/memorialfaceauniana/conteudo/1498_facea Acesso em 27 jan. 2023.

³ Em 1990 a FACEA se transformou em Universidade Estadual de Anápolis (UNIANA). Disponível em: https://www.ueg.br/memorialfaceauniana/conteudo/1499_uniana. Acesso em 27 jan. 2023.

pela minha formação em jornalismo sempre estudei a área de comunicação, as tecnologias, não como aparatos técnicos, mas as tecnologias, como produções culturais, como produções humanas. Então pensei que faria muito sentido propormos um mestrado interdisciplinar em educação, linguagem e tecnologias.

Conseguimos juntar algumas/ns professoras/es, o que foi muito bom para constituir uma comissão muito coesa com as/os professoras/es da área de educação e da área de linguagem. Nos reuníamos todas as sextas-feiras – por mais de um ano –, no laboratório de pedagogia, e conversávamos a tarde toda. Imaginávamos como seria o curso e saíamos de lá com tarefas para apresentar na semana seguinte e todas/os cumpriram assim, diligentemente as suas tarefas. Foi um trabalho coletivo muito bonito. Nosso APCN foi aprovado sem restrições e, em 2012, nasceu o IELT.

Barbra: A gente tinha um número muito grande de recém doutoras/es também. Este era outro desafio à época. Professoras/es inexperientes em orientar em pós-graduação com poucas publicações. Penso que as pessoas quando não estão em programas de pós-graduação tendem a publicar menos, não é?

Mirza: Verdade, porque quando você tem orientandas/os, você se engaja em discussões, é um período muito fértil, embora também seja muito cansativo. Tem gente que não entra na docência no [programa de pós-graduação] *stricto sensu*, porque sabe que é muito trabalho, é muito trabalho mesmo. Você vai ter que produzir todo ano, publicar em revistas qualificadas, orientar e muitas vezes você orienta alunas/os que não são da temática que você pesquisa e você tem que ler em outras temáticas também. Além das novas atribuições, você continua com o trabalho da graduação, segue orientando iniciação científica porque tudo isso é importante. A universidade vive disso, dessa articulação entre graduação, pós-graduação, produção intelectual. O trabalho na pós-graduação é intenso. Envolve disposição para o debate, palestras, participar de bancas, ler teses e dissertações, emitir pareceres em artigos de revistas e projetos de agências de fomento. Então é muito trabalho para quem resolve entrar em um programa de pós-graduação *stricto sensu*.

Barbra: O fato de ser interdisciplinar também nos força a sair bem mais da zona de conforto. A gente tem de se abrir bem mais a novas leituras, novas ideias. Por isso, eu gostaria de voltar um pouco nessa ideia das parcerias. Eu iniciei no *stricto sensu* no IELT. Ainda em 2011 o Ariovaldo [Lopes Pereira] me convidou e meu nome foi para aprovação no APCN. Defendi meu doutorado em 2008, então tinha “zero” experiência neste nível de ensino. Eu comecei a fazer parte da equipe, ainda com muito medo, mas com vontade de poder ampliar as pesquisas, de tentar contribuir um pouco mais com as pesquisas do nosso estado. Eu fiquei muito empolgada, mas muito assustada ao mesmo tempo. Logo na reunião inaugural do IELT, quando preparamos o edital de seleção e distribuimos as disciplinas em duplas, eu fiquei de ministrar minha primeira disciplina na pós-graduação a seu lado. Me recordo de ter pensado: “olha que responsabilidade ... e que medo!”, mas eu achei muito bom esse movimento esse desafio.

Mirza: Foi muito bom trabalhar com você, viu?

Barbra: Obrigada. Eu adorei a experiência, eu aprendi tanto. Foi muito bom ter a oportunidade de trabalhar com você, expandir em termos teóricos. Eu já estudava formação de professoras/es, então já estava habituada com leituras da área da educação, mas este olhar para as tecnologias digitais eu aguicei com você, no IELT, por causa do IELT. Sou muito grata a você e ao programa por isso.

Mas ao mesmo tempo eu fico pensando, não deve ter sido fácil trabalhar na formação continuada dessas/es professoras/es. Afinal, não há formação específica para ser professora/or de *stricto sensu*, não é? Nós pesquisamos, defendemos as teses, nos preparamos para os saberes, mas para ser professora/or orientadora/or, não há formação. Eu me lembro das primeiras reuniões do IELT, você e a Magda [Montagnini – professora aposentada da UEG que também integrou o quadro docente do PPG-IELT], eram pessoas que tinham mais experiência e ajudavam a nós, as/os recém doutoras/es, não é? Vocês nos auxiliavam a acalmar a ansiedade, a pensar na formação das/os futuras/os mestres, a gerenciar grupos de estudo e até mesmo a planejar nosso tempo! Ou seja, eu vejo este movimento de contribuir para nossa formação docente como ações de formação do formador. Eu gostaria que você falasse um pouco sobre isso. Como foi para você atuar na formação das/os professoras/es do PPG-IELT?

Mirza: É, isso é interessante, a gente tinha uma vantagem: a vontade que as pessoas tinham de participar de um programa de pós-graduação. Até aquele momento a UEG só tinha um mestrado que era da área de engenharia ambiental. E aí veio o primeiro da área de humanas, o que gerou muito impacto dentro da universidade. Então, as/os professoras/es gostavam de estar participando de um programa tão importante quanto foi. Ele se chamava MIELT⁴ no início, que foi um equívoco, mas ainda bem que foi corrigido, já que logo podemos ter um doutorado a caminho.

Então, retomando, formar as/os professoras/es é muito importante também. Nós tínhamos um grupo de professoras/es experientes, e outro de professoras/es assim que estavam dispostas/os a contribuir. Então foi muito bom ter essa equipe no programa, quem tem esse medinho, esse friozinho na barriga, são pessoas compromissadas, que sabem que seu trabalho vai ser importante. E essa angústia não é insegurança. Eu considero boa porque a pessoa vai aproveitar todas as oportunidades de aprendizagem e fazer o seu perfil de professora/or. Além disso, nós fizemos parcerias importantes também: a Maria Isabel Alarcão veio ao Brasil para a ANPEd e nós aproveitamos o evento para trazê-la até Anápolis e conversar sobre a pós-graduação conosco. Trouxemos o Carlos Marcelo Garcia em parceria também. Pesquisadores importantes no cenário internacional para debater a formação docente e a atuação em pós-graduação conosco.

Então, aliado a essas condições objetivas que a gente tinha, tivemos os professores que vieram para cá e nos ajudaram, bem como a vontade de cada professora/or de “se fazer bom professor”. Penso que ninguém quer ser mau professor, todo mundo quer ser bom professor. Então nós tínhamos todas as condições favoráveis para isso e acho que nós conseguimos, porque eu vejo que a equipe se mantém.

Barbra: Eu queria saber qual você considera ter sido o grande desafio que você enfrentou à frente do PPG-IELT.

⁴ Em seus primeiros editais o PPG-IELT era chamado de MIELT, acróstico para Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias.

Mirza: O desafio foi compreender o que é um trabalho interdisciplinar. Afinal, ele requer reuniões permanentes, longas conversas, busca de textos coletivos, planejamentos detalhados. Quantas reuniões que a gente fazia!

Foi então que comecei a me fazer uma pergunta – *A interdisciplinaridade é uma proposta epistemológica do próprio conhecimento ou é uma questão volitiva, que depende da vontade da/o professora/or? Se colocar como um ator que vai resolver os problemas da sociedade com o seu conhecimento, mas sem que o seu conhecimento seja a palavra final.* Enquanto coordenadora do PPG eu costumava ir às reuniões da Capes e lá encontramos outras/os coordenadoras/es do país todo. Certa vez eu cheguei a perguntar para um professor, que era um coordenador de PPG lá da Universidade Federal do ABC. Veja, esta foi uma universidade que nasceu interdisciplinar. Então, eu perguntei a ele “interdisciplinaridade é uma questão epistemológica ou volitiva?” Ele parou e ficou pensando, e falou que nunca tinha pensado nisso. Eu falei, mas os seus professores são interdisciplinares, porque entendem que o conhecimento é interdisciplinar, requer respostas interdisciplinares ou depende da vontade de cada um aproximar o seu conhecimento. Ele falou, olha eu acho que está dependendo mais do nível pessoal do que epistemológico. Mas para mim, tinha que ser os dois. Eu cheguei à conclusão, que tinha de ser os dois.

É interdisciplinar em uma dimensão epistemológica porque o conhecimento hoje, as questões, os problemas existentes na sociedade em cada campo científico são tão complexos que um campo só não consegue resolver. Então é preciso aproximar. Tomemos por exemplo o que temos vivido na política brasileira. Nós não conseguimos compreender a política se a gente não souber de significados das linguagens, da área de comunicação, o que é uma narrativa e não fato político, não é? Então, as áreas hoje, necessariamente, têm de atuar juntas. Aqui [no IELT] é uma exigência epistemológica, mas para esta exigência epistemológica se concretizar é necessário a volição quer dizer, a vontade de cada um de se tirar do centro, não é? Eu não sou o centro das respostas que a sociedade precisa. Daí surge o desafio de lidar com os egos e a/o professora/or, normalmente, é muito vaidosa/o e quando vai para um *stricto sensu*, ele fica mais vaidoso ainda, e isso é difícil de lidar.

Barbra: E quanto aos desafios em sua gestão como coordenadora, Mirza, o que você gostaria de pontuar?

Mirza: Eu tive uma boa relação com as/os professoras/es. Apesar de muitas vezes precisar ser dura. Eu sei que teve muita gente que não gostou da minha gestão, mas, eu tenho a certeza de que eu agi com muita responsabilidade e fiz tudo o que era preciso fazer com uma gestora. Eu não deixei nada a fazer, eu era presente, eu ficava todos os dias no PPG-IELT, eu ia em todas as reuniões da CAPES, eu estava presente onde eu era chamada para falar sobre o IELT, o MIELT na época.

Barbra: É uma gestão que até hoje é referência.

Mirza: É, a gente tem que conversar muito, porque uma cabeça só tem mais chance de fazer errado, do que muitos pensando. Eu levava todas as questões para conversar nas reuniões de colegiado. O que eu ouvia na CAPES assim como nas reuniões da pró-reitoria. Tudo eu levava e o colegiado ajudava a tomar a melhor decisão. A/o coordenadora/or não é o que manda, mas sim quem executa o que o colegiado decide. Então, eu executava o que o colegiado tinha decidido. A gestão exige uma visão mais ampliada do programa. Entretanto, as/os professoras/es devem se compreender também como gestoras/es. Um programa depende da compreensão que cada professora/or tem do seu papel na gestão do programa. A gestão é coletiva porque não é a/o coordenadora/or quem vai escrever os textos. A/O professora/or é quem vai escrever os seus textos, vai publicar, vai refletir com os seus orientandos, vai ministrar as aulas junto com uma/um colega de outro campo.

O que me remete a outra dificuldade era a produção. Era importante que as/os professoras/es não apenas pesquisassem, mas publicassem. Publicar, ou seja, por a público as suas opiniões. O Pierre Bourdieu dizia: “quanto mais eu publico, mais eu apanho. E quanto mais eu apanho, mais eu aprendo.” É realmente quando você expõe suas ideias que você vai ser criticada/o por conta delas, não é? E, às vezes, as/os professoras/es têm receio de colocar a público, tudo o que ela/e pensa, muito embora seja uma necessidade, porque é assim que ela/e vai burilando suas ideias. Dez anos é pouco para a gente concretizar algo. Pouco para pensar em qual foi a sua contribuição para a universidade em termos de produção do conhecimento, o quanto você amadureceu nesses 10 anos. E isso se faz na reflexão, na publicação, nos debates, nas palestras que você vai, nos eventos que te perguntam e você às vezes não tem a resposta,

você tem que reorganizar, mesmo que não seja no evento, certamente na sua casa você vai refletir, vai reescrever de novo e isso é uma exigência para a pós-graduação. Ainda assim, este é um desafio para os programas, em geral. A produção bibliográfica é o calcanhar de Aquiles dos programas.

Barbra: Mirza, agora você falando sobre essas questões de publicação e de pesquisa me levam a pensar nas discussões que tínhamos durante as aulas que compartilhamos. Sempre enfatizávamos como a publicação de um estudo acaba dando uma devolutiva para a sociedade daquilo que a gente está fazendo com o que é investido na educação pública, não é? A publicação, em certa medida, é uma devolutiva. Uma questão de responsabilidade social da pesquisa. A gente fica tanto tempo estudando, escrevendo coisas que se a gente não publicar, serve só para nós mesmas/os e a universidade é pública. Portanto, aqueles saberes que são construídos ali dentro também tem que ser revertidos para a população, para a sociedade, para pensar caminhos para a educação, não é? Nesse sentido, eu queria que você falasse um pouco sobre o seu projeto, que aquele projeto que você fez que acabou gerando, captando recursos para a gente criar o LIM [Laboratório de Mídias Interativas].

Mirza: Inicialmente, ele ia se chamar LMI - Laboratório de Mídias Interativas, mas não dava uma sílaba, então nós mudamos para LIM, que fica mais sonoro, não é? Pois bem, o LIM foi um projeto sobre inclusão digital e social, conhecimento e cidadania. Nós partimos da premissa de que o conhecimento, hoje, circula pela internet. Esta é uma fala do Manuel Castells, O conhecimento produzido pela humanidade circula pela internet. Basta imaginar que as grandes bibliotecas, como a biblioteca de Londres – que é a segunda maior biblioteca do mundo – tem todo o seu acervo digitalizado. Eu soube que a Biblioteca Nacional também está digitalizando tudo. Então, as pessoas que estão fora deste ambiente, que não conseguem acessar o conhecimento disponibilizado via internet, ficam a cada dia mais excluídas, porque o conhecimento é um dos elementos da cidadania.

Então, em 2013, nós apresentamos um projeto intitulado “Inclusão digital, social, conhecimento e cidadania” para o CNPq e a FAPPEG e ele foi aprovado. Tínhamos bolsas de iniciação científica, bolsas de mestrado e recursos para equipar o laboratório. Então, conseguimos colocar à disposição do grupo e da comunidade toda possibilidade de acesso à

tecnologia. Nós tínhamos computador de mesa, notebook, *netbook*, computador com tela sensível, celulares, tablets. Além de todo mobiliário necessário ao trabalho. A princípio, as pessoas iam até a sede do campus. Depois, por uma questão de acessibilidade, nós passamos a ir até as praças também.

Em geral, vinham muitas/os idosas/os, mas não era só idoso, não. Tinha gente que chegava lá e falava assim, “olha, eu quero aprender a mexer nisso, mas eu não sei e eu não sei escrever, não é?” Então pensávamos, bem, a pessoa não sabe escrever, mas tem direito de estar incluído, não é? E a Eliane [Anderi – uma professora e pesquisadora da UEG], que trabalhava na graduação com as bases epistemológicas da alfabetização, chegou a alfabetizar usando o computador.

Nós percebemos que cada pessoa vinha com um interesse. Certa vez chegou um rapaz que arrumava geladeira e ele não estava mais conseguindo arrumar a geladeira porque ele não conseguia comprar as peças pela internet e os concorrentes dele já conseguiam. Ele queria aprender a comprar peça de geladeira na internet. Outra sonhava em melhorar ou aprender novos pontos de tricô. Outras queriam pegar as receitas da Ana Maria Braga na televisão, ela não dava conta de anotar tudo e aí elas eram ensinadas no que elas queriam. Então, ao final da pesquisa, nós chegamos à conclusão de que a tecnologia mais requerida e mais usada era o celular. Então o celular era uma necessidade para as pessoas que iam lá, não é mesmo? Porque é mais fácil você pegar o Wi-Fi, não é?

Logo depois a Capes abriu um outro edital que disponibilizava recursos para dispositivos tecnológicos. Era um edital da Capes aberto para a criação de LIFE – Laboratórios Interdisciplinares de Formação de Educadores. O laboratório, para ser criado, teria necessariamente que se chamar LIFE. Era uma exigência, então, como não queríamos abrir mão do LIM, optamos por renomeá-lo LIM/LIFE⁵, pois bem, com a verba deste edital nós só compramos celulares. Essa outra pesquisa se chamava “Ciranda digital da cidadania”. A gente fez nas praças porque naquela época Anápolis tinha praças digitais com internet gratuita. Também atuamos no Centro de Convivência de Idosos (CCI), da prefeitura de Anápolis. A gente ia para lá com a equipe de estudantes de iniciação científica dos cursos de pedagogia, letras, ciências da computação, processamento de dados, discentes do mestrado. Esta pesquisa

⁵ Em 2022 o LIM – Laboratório de Mídias Interativas voltou a seu nome original e o LIFE agora segue sob a gestão da UnUCSEH – Nelson de Abreu Jr.

foi muito interessante porque a Secretaria de Ciência e Tecnologia ficou encantada com o nosso projeto e propôs que isso se transformasse em uma política pública. E realmente se transformou. A gente acabou desenvolvendo uma técnica de ensinar os idosos acima de 60 anos para usar o celular para o que eles quisessem. Foi muito bonito quando a gente recebeu uma pessoa no LIM e ela falou “olha, eu vim aqui aprender com vocês, porque não adianta, meu filho não me ensina. E eu peço para ele me ensinar, mas eu esqueço. Daí quando eu peço de novo, ele fica bravo comigo e fala assim, mãe, mas eu já te ensinei?” Aí ela falou uma coisa tão bonita. Essa mãe, que era uma professora daqui de Anápolis, disse “caramba, meu filho, eu tive tanta paciência com você. Você caía, eu te levantava, você caía de novo, eu te levantava e agora você não quer me ensinar?” Nós conseguimos ensiná-la.

Para ser bolsista no projeto era preciso ter alguns pré-requisitos: Em primeiro lugar, era ter paciência, depois atender os idosos com respeito e, claro, saber mexer nos celulares. As/os idosas/os amavam porque elas/es podiam perguntar mil vezes que as/os bolsistas ensinavam de novo. Nós elaboramos um curso para as/os técnicas/os lá da Organização das Voluntárias de Goiás (OVG) e elas/es criaram os ambientes próprios, com atendimento individualizado e personalizado. Uma vez chegou uma senhora, a mesma que gostava da Ana Maria Braga, e disse que enquanto via as receitas percebeu que abaixo havia vídeos que ensinavam a cuidar da pele, então ela queria aprender a navegar naquelas outras abas também. Então, com o atendimento personalizado, de uma hora para cada pessoa, ela aprendia o que queria, dentro de suas próprias demandas. Então, o que aprenderam lá serviu para a vida concreta e isso é que é cidadania digital. É acessar um conhecimento disponível na rede, mesmo que você acha que é desimportante, mas para aquela pessoa é importante, ela cuidar da saúde dela, cuidar da pele. Alguns/as aprendiam a fazer comida gostosa para a família, o outro comprar peças mais baratas para geladeira. Cada uma/um tinha a sua necessidade, seu interesse. Então foi muito bom porque nós conseguimos transformar isso em uma política pública. Recentemente eu falei com uma pessoa da OVG, e ela disse que o programa ainda existe lá.

Barbra: Bem, agora a gente já caminhando para o final dessa nossa conversa, eu gostaria que você falasse um pouco sobre como você se sente, olhando assim para trás e vendo que o programa que você viu nascer, que lutou tanto para que ele existisse agora completa sua primeira década. O que você pensa em relação a isso?

Mirza: É muito, é muito gratificante, não é? Você vê que valeu a pena. Eu me lembro Barbra, que a primeira vez que nós fizemos uma seleção discente muita gente veio pedir declaração. Eu falei, “gente, não tem nem modelo de declaração” [risos]. Tivemos de construir tudo, desde modelos de declaração, regulamentos, regimentos, pensar os modelos de dissertação. Nós não tínhamos nada. Tudo foi construído. E nós tínhamos uma secretária que era muito boa, muito competente, a Dercilene [Souto, técnica da UEG, primeira secretária do PPG-IELT]. Eu falava que ela era a memória viva do IELT. Ela foi uma secretária dinâmica, disposta, e muito competente para lidar com os documentos, com as turmas, enfim,

Eu lembro que em 2014, os 20 que haviam entrado em 2012 conseguiram defender suas dissertações. Foi um orgulho. Às vezes, eu participo de bancas de doutorado de ex-alunas/os nossos, ou os/as encontro em cargos de chefia, tanto nas secretarias de educação quanto na docência superior, com cargos dentro das universidades, nos Institutos Federais, então isso é muito bom e tudo começou aqui, né? Com esse grupo de professoras/es que se dedicou. Lecionar em *stricto sensu* requer muito desprendimento, muita dedicação. E a gente colhe esta compreensão de que nós contribuímos para o mundo ser melhor. Contribuímos concretamente, não só de falar. Nós abdicamos de tempo livre e nos dedicamos a aprender a se relacionar com as pessoas que pensam diferente de você, nos dedicamos a formar pessoas, participar de bancas, publicar. Então, eu tenho o maior prazer de fazer parte desta história. E quero participar também dos 20 anos. Dos 30 anos. E nós vamos comemorar isso, não é?

Barbra: Certamente! Finalizo a conversa agradecendo a oportunidade de rememorar estes acontecimentos, dialogar sobre nossa história com você, Mirza. Sobretudo, muito obrigada por sua dedicação ao IELT e à educação em Goiás.